



UM

PHOSPHORO

COMEDIA EM UM ACTO.



A. D. C.

210.

1711

PHOTODUPLICATION

ORIGINAL NOT TO BE REPRODUCED



211

UM
PHOSPHORO

COMEDIA EM UM ACTO

POR

J. J. da Cruz.



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DE F. DE PAULA BRITO

PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO.

—
1861.

1871

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

1871

1871

LIBRARY

1871

1871

PERSONAGENS.

DR. MENDONÇA, chefe governista.
DR. BENICIO, idem opposicionista.
RAYMUNDO, eclectico.
D. JOAQUINA, irmã de Raymundo.
D. RITA, sobrinha dos ditos.
MANOEL TUBARÃO, apaniguado do Dr. Benicio.
JOSE' CANIVETADA, idem do Dr. Mendonça.
ANTONIO, votante.
CHICO PINTO, idem.
ANASTACIO, agente de uma folha diaria.
UM MOÇO, ajudante de Anastacio.
O POETA....
UM HOMEM vendendo phosphoros.

Votantes e povo.

Época actualidade.

UM PHOSPHORO

COMEDIA EM UM ACTO.

ACTO UNICO.

O theatro deve representar uma praça, com uma igreja á esquerda alta, um pouco atrainelada para a scena. Duas casas de apparencia asseada : uma á esquerda, outra á direita do espectador. A' direita baixa algumas pedras em monte, que servem para os votantes e povo se assentarem.

SCENA I.

A' porta da igreja e nas embocaduras das ruas, que communicam com a praça, vêr-se-hão varias pessoas lendo e trocando listas. Muitos volantes cruzam constantemente a scena; uns com bengala, outros com guarda-chuva; uns fumando, outros tomando rapé; alguns asseitados, outros mal vestidos. O movimento é proprio de um dia de eleições. D'entre um grupo, que está ao fundo, sahem e descem ao proscenio :

JOSE' CANIVETADA e MANOEL TUBARÃO.

JOSE'.

Eu cá, José Canivetada, não temo nada; e juro que só deixarei de trabalhar a favor do meu partido, quando não tiver pernas para andar, e braços para correr o canivete, se fôr preciso.

MANOEL.

Asseguro-te que desta vez vais mal com o teu plano ! Se queres ser mais alguma coisa, trabalha a nosso favor, que não has de perder o teu tempo.

JOSE'.

Já te disse que se pretendes fazer-me virar a casaca, que nunca virei senão para enchugar o suor, estás redondamente enganado.

MANOEL.

Não, homem, não é por isso: sou teu amigo e desejava vêr-te do meu lado.

JOSE'.

Aprecio muito a tua amizade, acredita; mas não deixarei de dar o meu voto ao partido conservador... ao meu partido.

MANOEL.

Talvez tenhas de te arrepender. Olha que a opposição desta vez está muito forte...

JOSE'.

Depois da fritada prompta, veremos quem tem manteiga para vender.

MANOEL.

Fica-te com as tuas idéas, que eu cá vou com as minhas. (*Apertando-lhe a mão*) Até logo.

JOSE'.

Adeus, meu Manoel Tubarão. Toma sentido não engulas por ahí algum maço de listas, porque te podes engasgar.

MANOEL.

E tu não corras o canivete, porque a chacara de Catumby não precisa agora lá de gente para trabalhar. (*Vai para o fundo, conversa com diversos grupos, entra e sac enrolando e desenrolando listas*).

JOSE'.

Bom rapaz. Gósto delle porque é firme nos seus principios.

SCENA II.

JOSE' e DR. MENDONÇA.

DR. MENDONÇA (*entrando*).

Então, José, como vai a nossa gente?

JOSE'.

Vai bem, Dr.; mas é preciso trabalhar com afinco, senão ficamos mal.

DR. MENDONÇA.

Qual!

JOSE'.

A opposição não perde terreno, e invida todas as suas forças para augmental-o.

DR. MENDONÇA.

Façamos nós o mesmo, que a batalha está ganha.

JOSE'.

Ha de custar, Dr., ha de custar.

DR. MENDONÇA.

Maior gloria teremos.

JOSE'.

Ahi vem o Chico Pinto... Sempre votou na nossa chapa, e desta vez quer votar com a opposição.

DR. MENDONÇA.

Quem é esse Chico Pinto?

JOSE'.

V. S. não se lembra daquelle seu visinho... empregado publico?...

DR. MENDONÇA.

Não posso lembrar-me quem...

JOSE'.

Quando morou no largo . . .

DR. MENDONÇA (*lembrando-se*).

Ah! . . . Que foi demittido ha pouco?

JOSE'.

Justamente. . . Olhe. . . lá está elle conversando com um dos nossos.

DR. MENDONÇA.

Deixa-o comigo.

JOSE'.

Não o convence. (*Sae. O mesmo movimento que Manoel Tubarão*).

DR. MENDONÇA.

Veremos.

SCENA III.

DR. MENDONÇA e CHICO PINTO *dirigindo-se para a igreja*.

DR. MENDONÇA (*chamando*).

Psio! . . . Psio! . . . (*Chico valta-se*). Adeus, Pinto. . . então não fallas com os amigos?

CHICO.

Oh! o Dr. por aqui?!!

DR. MENDONÇA.

Como estão teus manos e toda a tua familia?

CHICO.

Todos bons, obrigado a V. S.

DR. MENDONÇA.

Já sei que vens votar . . .

CHICO.

Venho cumprir com os deveres de cidadão.

DR. MENDONÇA.

E' desnecessario perguntar-te se votas com o governo...

CHICO.

Com o governo?! Eu não voto nos homens que me tiraram o pão!

DR. MENDONÇA.

Como! Pois tu, que sempre foste dos nossos, queres agora abandonar-nos?

CHICO.

Fui demittido injustamente.

DR. MENDONÇA.

Injustamente, não: porque eu bem sei que tu tens committido algumas faltas. . . . Olha. . . . quando serviste comigo. . . creio que te lembras? passei-te por muitas.

CHICO.

Outros têm committido mais faltas e lá estão. . .

DR. MENDONÇA.

Ora vamos. . . não digas isso, porque são cousas que tu não sentes. . .

CHICO.

Mas. . .

DR. MENDONÇA.

Tens um bom coração, eu sei; mas não podes negar que não és um pouco inimigo do trabalho; e bem sabes que sem trabalho e sacrificios não se ganha dinheiro. . . .

CHICO.

Meu caro Dr., os que mais trabalham são os que menos ganham.

DR. MENDONÇA.

Não digas isso que é um absurdo.

CHICO.

Que trabalho tem um ministro, não me dirá? Que trabalho tem um chefe de repartição?

DR. MENDONÇA.

Ora obrigado!... Então a responsabilidade não vale nada?!

CHICO.

Responsabilidade?! Façam-me ministro, ou chefe de repartição, que eu carregarei com todas as responsabilidades havidas e por haver.

DR. MENDONÇA.

Está bom, ainda é cedo... pode ser que para o futuro... Dize-me: posso contar com o teu voto?...

CHICO.

Ha de perdoar-me; mas desta vez não posso servir a V. S.

DR. MENDONÇA.

Porque?

CHICO.

Estou comprometido com o Dr. Benicio.

DR. MENDONÇA.

Despresaste o teu amigo velho....

CHICO.

Fui demittido.

DR. MENDONÇA.

Heide fazer alguma coisa em teu favor.

CHICO.

Promettimento proprio do tempo de eleições...

DR. MENDONÇA.

Então minha palavra não vale nada ?

CHICO.

Vale de muito; mas V. S. sabe que a opposição desta vez tem todas as probabilidades de vencer, porque o partido couservador está dividido...

DR. MENDONÇA.

Não acredites. Os governos são quem decidem as eleições...

CHICO.

Emfim, d'esta vez voto com a opposição.

DR. MENDONÇA.

Está bom, meu amigo; respeito a tua decisão... Mas, tu estás desempregado, e talvez precisés... (*tirando a carteira.*) Toma estes vinte mil réis para...

CHICO (*com força.*)

Snr. Dr. !

DR. MENDONÇA,

Aceita... não penses que...

CHICO.

V. S. julga que o voto d'um cidadão honrado póde trocar-se por uma nota de vinte mil réis ? !

DR. MENDONÇA.

Quem é que te falla em votos?... Toma... guarda os vinte mil réis para tomares um refresco...

CHICO.

Não ha refrescos que possam applacar o fogo que neste momento me devora.

DR. MENDONÇA (*guardando o bilhete*).

Acredita que não foi com o sentido no teu voto que te

offereci esta nota... Como estás desempregado, julguei que...

CHICO.

Ah! se foi essa a intenção de V. S., então agradeço e peço desculpa se por um instante me esqueci de que falava com uma pessoa a quem muito respeito.

DR. MENDONÇA.

Eu trabalho pela minha causa; mas nunca deixarei de louvar a probidade e os sentimentos nobres de meus adversários.

CHICO.

E' esse o meio mais digno para chamar votos á urna... De-me a sua lista, Dr...

DR. MENDONÇA.

A minha lista?

CHICO.

Sim, Snr.; quero votar com V. S., para lhe dar uma prova do quanto aprecio seu character e honradez.

DR. MENDONÇA (*dando-lhe uma lista*).

Não faças sacrificios para me servires.

CHICO.

Enganei-o quando lhe disse que estava comprometido. Eu não tinha dado minha palavra a ninguem; vinha votar com a opposição, porque fui demittido... mas na verdade eu fui o culpado de minha demissão. Aqui está a minha lista.

DR. MENDONÇA (*recebendo a lista*).

Agradeço-te, e fica certo que não me hei de esquecer de ti.

CHICO.

Vou vêr se já estão chamando o meu quarteirão. (*Vai-*

se. Falla com algumas pessoas; entra na igreja; depois sahe e faz os mesmos movimentos que os outros).

DR. MENDONÇA,

Quando se alcança um voto á força de logica, deve ser acompanhado até á urna, para que não seja arredado della por alguma figura de rhetorica. (*Entra na igreja atrás de Chico Pinto; depois sahe, dá algumas voltas pela praça, e falla com varios amigos).*

SCENA IV.

DR. BENICIO, depois ANTONIO.

DR. BENICIO (*apontando para o Dr. Mendonça*).

Lá vai o meu antagonista; mas desta vez fica mal. (*Chamando Antonio, que entra*) Chut ! Chut !

ANTONIO.

Olá, Dr. ! Que manda V. S. deste seu criadinho ?

DR. BENICIO.

Vais votar, não ?

ANTONIO.

Oh ! de certo... hoje é o dia da minha soberania...

DR. BENICIO.

Em quem votas ?... Posso saber ?

ANTONIO.

Nunca fiz mysterios destas cousas; voto com o governo.

DR. BENICIO.

Com o governo ? ! Pois tu votas com o governo, que desta vez fica derrotado ? !

ANTONIO.

Asseguram-me que não.

DR. BENICIO.

Enganam-te, só para te deixarem ficar mal.

ANTONIO.

Eu sempre gostei de votar naquelles que têm mais probabilidade de vencer... e bem sabe V. S., que o governo tem muita cousa a seu favor.

DR. BENICIO.

Eu não te obrigo a que votes nestes, ou naquelles; mas conto com o teu voto.

ANTONIO.

Dr... eu... tenha paciencia... desta vez não posso servir-o.

DR. BENICIO (*dando-lhe uma lista*).

Toma... toma esta lista, que é a triumphante...

ANTONIO.

E se fôr a minha ?

DR. BENICIO.

Nada perdes com isso.

ANTONIO.

E se o governo souber que eu votei com a opposição, não me mandará degradado para a ilha das Cobras, ou para a serra dos Orgãos ?

DR. BENICIO.

Qual ! O governo não é tão máu como muitos querem que elle seja... Toma esta lista e da-me a tua.

ANTONIO.

Emfim, va lá... V. S. pede com tão bom modo ! ...
(*Dá-lhe a lista e recebe a do Dr. Benicio*).

DR. BENICIO.

Conta comigo...

ANTONIO.

Eu quero vêr se arranjo um logarzito, em que ganhe alguma cousa para ir passando a vida honradamente...

DR. BENICIO.

Deixa estar, que não me hei de esquecer dos amigos.

ANTONIO.

Em tempo de eleições ha tantos pretendentes... tantos promettimentos !...

DR. BENICIO.

Ou melhor, ou peor, todos se hão de arranjar.

ANTONIO.

Muito obrigado a V. S. Vou vêr se são horas de...

DR. BENICIO.

Eu tambem vou. (*Entram na igreja*).

SCENA V.

RAYMUNDO.

RAYMUNDO (*ao bastidor*).

Nada, nada ! (*Voltando-se*) Eu cá não tenho partido ! (*A' scena*) E' boa !... Querem por força que eu receba listas de todo o bicho careta que se apresenta !... Hei de votar em quem eu quizer... em quem me parecer... em nenhum, que é o mais certo: porque eu já não creio n'estas cousas de eleições !... Todos são os mesmos... todos lêem pelos mesmos livros... todos fazem o que podem... essa é boa ! Oh ! porque o governo é este, dizem uns; a opposição é esta, dizem outros !... E' boa ! Ainda ha de nascer um governo que agrade a todos ! Os que estão debaixo fallam porque querem subir; os que estão de cima não se calam, porque não querem descer... E' boa !... Os que comem, querem beber; os que bebem querem

comer... E' boa !... O que eu sei e o que entendo, é, que uma eleição deve ser livre e feita com todo o socego, e não se andar por ahi ás cabeçadas e aos canellões, como o cão com o gato, ás arranhadelas e ás dentadas ! (*Pausa*) Este anno estão tão animadas as taes eleições, que até as proprias mulheres, essas tagarellas que em tudo se querem metter, têm tido parte n'ellas !... Minha irmã Joaquina, que falla pelas tripas do diabo, e minha sobrinha Rita, que, não obstante ter só quinze annos, já mostra perfeitamente pela lingua o sexo a que pertence, estão trabalhando ha mais de seis mezes para as eleições, copiando listas a duzentos réis cada uma !... Ganharam seus cobres: e ao mesmo tempo enthusiasmaram-se lendo e copiando tanto nome bonito !

VOZES FORA.

Viva o poeta !... Viva o poeta !

RAYMUNDO.

Temos barulho !... Se começam já com gritos, ponho-me ao fresco.

VOZES.

Viva o poeta !...

SCENA VI.

RAYMUNDO e o POETA.

POETA (*entrando e virando-se para agradecer*).

A todos os senhores e senhoras
Mui contente lhes dou os meus emboras
Pelo agrado que acabam de mostrar-me...
Perdão... estou cansado... Vou sentar-me.

(*Senta-se n'uma pedra*).

RAYMUNDO (*aparte*).

Pela cara mostra que é tôlo, ou pelo menos poeta !...

Os poetas quasi todos têm cara de tôlos e de fome! . . .
Não sei de que lhe servem as musas! . . .

POETA.

Já as musas, replectas de magia
Encaixam no meu estro a poesia!
As nymphas mui formosas e faceiras,
Atrás andam de mim sempre ás carreiras!
O sol, a chuva, o vento e a trovoada
Acompanham toda esta trapalhada,
Porque assim é preciso ao grande vate,
Que o seu nome quer vêr em toda parte.

RAYMUNDO (*aparte*).

Que diabo está elle dizendo?

POETA (*erguendo-se e dirigindo-se a Raymundo*).

Eis aqui um poeta de cartello,
Que nasceu na montanha do castello,
N'esse morro que vai ser arrazado,
Segundo ouvi dizer a um deputado. . . .

RAYMUNDO.

Então sempre é certo o arrazamento, eim?

POETA (*com sentimento*).

Que pena, meu amigo, que tristeza
Não irá n'esta pobre redondeza,
Quando fôr em poeira pelos ares
O gigante façanhudo, que os mares
Nos deixava vêr ao longe, e os navios
Carregados de velas sem pavios?! . . .

RAYMUNDO.

Pelo desembaraço com que se exprime, bem se deixa
vêr que é poeta, e poeta que diz sem rebuço aquillo
que sente! Gósto disso.

POETA.

« Poeta que calcula quando escreve »
Devia transformar-se em almocreve.
O vate que se gaba do que faz,
Que chama ao homem velho de rapaz,
A' mulher quarentona meiga lua,
Que vá dizer asneiras á tabua !

RAYMUNDO.

Sim, Sr.

POETA.

« Eu gosto dos poetas destimidos »
Que fazem versos curtos e compridos ;
Que matam, se é preciso, a poesia. . .
Com tanto que lhes caia n'algibeira
O que muitos não acham na carteira ! . . .

RAYMUNDO.

D'essas cousas sei eu optimamente,
Por ouvil-as dizer a muita gente.

(*Aparte*) E então, não respondi em verso ? (*Alto*) Diga-me uma cousa, Sr. poeta : qual é o seu mais favorito genero de poesia ? . . . o serio, joco-serio, romantico ou satyrico ?

POETA.

Eu canto a gente viva, canto os mortos
Em versos direitinhos, versos tortos !
Na prosa sou mui fraco ; mas sou forte
No verso. . . . Quando canto alguma morte,
Ou descrevo um officio de agonia,
Verão então brilhar da poesia
Os tropos e as figuras, que, sorrindo,
Mui lédos vão sentar-se lá no Pindo.

RAYMUNDO.

E lá no seu Pindo tambem se cabala em eleições ?

POETA.

Não falle nessas cousas, porque as Musas
Ouvindo-o ficarão todas confusas.
No reino dos poetas não se attende
Ao tôlo, que grandezas só pretende. . . .

RAYMUNDO.

Que me diz, homem?! . . . Essa é boa!

POETA.

Se quer que eu cante em verso ou mesmo em prosa,
Os dotes de uma nympha assás formosa,
Que avistei debruçada n'um mirante. . . .
Alli. . . . sim, mesmo alli. . . . pouco distante. . . .
Ordene que ella venha sem demora
Os protestos ouvir de quem a adora.

RAYMUNDO (*aparte*).

Dar-se-ha caso que seja minha sobrinha! (*Alto*).
Quem é pois essa nympha tão bonita,
Que os olhos e o nariz já lhe arrebita?

POETA.

Tu és, se não me engano, o pai da bella;
Portanto, quero já casar com ella.

RAYMUNDO (*ameaçando-o*).

Retira-te depressa, meu casmurro,
Senão dou-te na cara um grande murro.

POETA.

Alto lá, meu Sr.; tenha respeito
A' dôr que vou sentindo neste peito!
(*Pegando-lhe na mão*).
Dê cá a mão. . . . apalpe este caixote. . . .
(*Põe a mão sobre o peito*).
Não sente assim a modo um trote, trote?

RAYMUNDO (*aparte*).

Como bate apressado!

POETA.

E' Cupido que pula de contente! . . .
Heide amar vossa filha eternamente.

RAYMUNDO.

Ou eu me engano, ou o Sr. está se divertindo comigo...

POETA.

Os vates nunca brincam quando tratam
Do amor que os sentidos lhe arrebatam.

RAYMUNDO.

Se arna . . . se está apaixonado por alguma, ou por
algumas nymphas, vá ter com os pais d'ellas, ou com as
mães, porque eu não tenho filhos nem filhas, graças a
Deus (*Susurro e grande movimento nos grupos*). Temol-a
travada! . . . E' algum phosphoro ou cousa semelhante . . .

POETA.

Que barulho, meu Deus, que gritaria!
Não tarda haver aqui pancadaria!
Mas antes que ella chegue cá por casa,
Corro a vêr se dou fundo na Ilha Rasa. (*Vai-se*).

RAYMUNDO.

Felizmente vi-me livre deste massador, que ainda se
lembra de fazer versos em tempo de eleições! . . . A
politica importa-se lá com a poesia nem com os poe-
tas! . . . Essa é boa!

SCENA VII.

RAYMUNDO e ANASTACIO.

ANASTACIO (*dirigindo-se a Raymundo*).

V. S. faz-me o obsequio de dizer se as eleições cá
por esta freguezia tem corrido socegradamente?

RAYMUNDO.

Por em quanto não ha maior novidade. . . apenas algum susurro e. . . .

ANASTACIO (*com interesse*).

Susurro?! . . . Tem havido susurro?

RAYMUNDO.

Sem esse apendice não é possível haver eleições.

ANASTACIO (*tira uma carteira do bolso e escreve*).

Não tem havido pancadas?

RAYMUNDO.

Ameaças. . . ameaças. . .

ANASTACIO.

Desejo saber tudo para informar aos redactores das folhas diarias.

RAYMUNDO.

Ah! o Sr. é agente de. . . .

ANASTACIO.

Sim, Sr. E' um trabalho insano! . . . Indagar, vêr, ouvir; escrever tudo o que se ouve, indaga e vê! Faça V. S. idéa! . . . (*Susurro e movimento*).

RAYMUNDO.

Parece que temos barulho. (*Sobe e passeia por entre o povo*).

SCENA VIII.

ANASTACIO e depois JOAQUINA e RITA.

ANASTACIO (*lendo o que escreveu*).

Freguezia, etc., etc. As eleições n'esta freguezia tem corrido menos mal; apenas se têm dado alguns sopapos; mas os animos começam a exaltar-se, e receio que não

chegue a noite sem correr sangue! (*Arranca da carteira a folha de papel que escreveu e corre ao bastidor*). Toma; cópia isto depressa e leva ao « Jornal », ao « Mercantil », ao « Diário », e ao « Correio da Tarde ». Tu, espera ahí. (*Volta e cotinúa a escrever*).

RITA (*a Anastacio*).

V. S. não viu por aqui o meu primo José?

JOAQUINA (*idem*).

O Sr. não me saberá dar noticias de meu mano Raymundo e de meu sobrinho José?

ANASTACIO.

Talvez sejam os que levaram ha pouco meia duzia de sopapos. . . .

JOAQUINA.

Sopapos! Quem foi o atrevido que poz as mãos no corpo de meu mano Raymundo?!

RITA.

Quem ousaria insultar meu tio e meu primo?!

ANASTACIO (*escrevendo*).

E esta! . . . Pergunte a essa gente que anda por ahí aos magotes como formigas, que talvez lhe saibam dizer. . .

JOAQUINA.

Lá está o mano Raymundo! . . lá está o mano Raymundo! Vamos, Ritinha. . . Vamos. (*Vai ter com Raymundo*).

RITA.

E o primo. . . que será feito do primo?

ANASTACIO.

Feliz de mim se tivesse a ventura de ser seu primo. . .

RITA.

Porque diz o Sr. isso?

ANASTACIO.

Porque a menina é formosa como as formosas, espi-
rituosa como as espirituosas.

RITA.

E o Sr. é feio como os feios e tólo como os tólos.
(*Sobe e encontra se com Jose*).

ANASTACIO.

Obrigado. (*Continúa a escrever*).

SCENA IX.

ANASTACIO, RITA, JOSE', JOAQUINA e RAYMUNDO.

JOSE' (*a Rita*).

Você por aqui, Ritinha?!
RITA.

RITA.

Andava á sua procura.

JOSE' (*dando-lhe um doce*).

Toma, come este docinho, que está muito gostoso . . .

RITA (*comendo*).

Aonde comprou?

JOSE'.

Comprar?! Ritinha, em tempo de eleições não falta quem nos adoce a bocca e nos refresque as guelas.

RITA.

Que pena tenho de não poder votar tambem! . . .

JOSE'.

Para comer muito doce, eim, golosa?

RITA.

Não é por isso, não; é porque eu queria votar contra o governo, porque me disseram que elle tinha feito uma lei para recrutarem todes os meços solteiros e viuvos! . . .

Veja você que nem os viuvos escapam ! ...

JOSE'.

Não creias nisso : a opposição é que lança mão dessas tricas para vêr se vence a batalha. . . .

RITA.

Então sempre ha batalha ?

JOSE'.

Ha ; e as balas são de papel, no qual estão escriptos certos nomes que hão de apparecer para o futuro. . .

JOAQUINA.

Ora, graças a Deus, que já te encontrei, rapaz dos meus peccados !

JOSE'.

Pensava talvez que já tinha morrido em algum ataque eleitoral. . .

JOAQUINA.

Aquelle Sr. (*apontando para Anastacio, que está escrevendo*) disse-nos que tinha havido por aqui muita cacetada, muita facada e. . . .

JOSE'.

Quiz brincar com a tia Joaquina.

RITA.

Elle fallou muito serio ! . . Até me disse que eu era. . .

JOAQUINA.

Pois elle disse que tu eras. . .

RITA.

Muito formosa, e muitissimo espirituosa !

JOSE'.

Pois elle disse isso ?! . . Vou lhe dar uma canivetada ! . .

JOAQUINA (*segurando José*).

Rapaz ! . . Fica quieto, rapaz !

JOSE'.

Tenho dito ! . .

RITA.

Primo !

JOSE'.

Ha de chuchar duas canivetadas ! . . .

RAYMUNDO (*aproximando-se*).

Que algazarra é esta ?

RITA.

Meu tio . . . o primo quer . . .

RAYMUNDO.

Quer ! . . . O que é que elle quer ?

JOSE'.

Desaforo !

JOAQUINA.

Cala a bocca, menino . . . Cala a bocca !

RAYMUNDO.

Mas, que foi ? . . Expliquem-se com tresentos diabos !

JOSE'.

Aquelle homem (*apontando para Anastacio*) disse á minha prima que ella era muito bonita, muito bem feita, muito espirituosa, muito . . . muito . . .

RAYMUNDO.

Querias então que elle dissesse que era feia, torta, aleijada ? . . (*a Rita*) E tu que lhe disseste ?

RITA.

Que era muito feio e muito tôlo.

JOAQUINA.

Está feito; não respondeste mal.

RAYMUNDO.

Melhor teria procedido se tivesse ficado calada.

JOSE'.

Ora, diga-me, meu tio : não acha que é desaforo um homem dizer a uma moça que é formosa, espirituosa ?

RAYMUNDO.

Os poetas, e estes homens que escrevem para as folhas publicas, quasi sempre exaggeram; ou por outra, quasi nunca dizem a verdade, principalmente em tempo de eleições.

JOSE'.

Então aquelle sujeito é. . .

RAYMUNDO.

Escrevinhador de noticias diversas, gazetilhas, noticia-rios; de folhinhas de porta e de algibeira, repertorios, folhetins, etc., etc., etc.

SCENA X.

ANASTACIO (*escrevendo*), RITA, JOAQUINA, RAYMUNDO, JOSE', e um HOMEM (*vendendo phosphoros*).

O HOMEM (*ao fundo*).

Phosphoros ! . . . Phosphoros ! . . .

VOZES.

Fóra os phosphoros ! . . . Nada de phosphoros ! . . .

JOSE'.

Vamos vêr se os phosphoros são dos nossos. (*Sobem todos, menos Anastacio, que escreve*).

O HOMEM.

Phosphoros ! . . . Phosphoros superiores ! . . .

VOZES.

Fôra os phosphoros ! ! . Não queremos phosphoros ! ! .
(*Empurram o homem dos phosphoros para fôra. O surro vai diminuindo*).

ANASTACIO (*lendo*).

« Duas mulheres andam passando listas pelos votantes !
Um tal Sr. Raymundo cabala com toda a força ! Um homem que andava vendendo phosphoros foi esmagado pelos votantes de ambos os partidos. Os estoques, os punhaes, as bengalas e os cacêtes crusam-se por toda a parte ! Já corre o sangue ! A confusão reina com toda a força ! »

UM MOÇO (*entrando todo esbaforido*).

Sr. Anastacio ! Sr. Anastacio !

ANASTACIO.

Que é, homem, que é ? !

O MOÇO.

Em Santa Rita e Sant'Anna é um Deus nos acuda ! Santo Antonio está em paz ; mas dizem que a urna fôra incendiada com um phosphoro ! . . .

ANASTACIO (*acentuando*).

Com, ou — por — ?

O MOÇO (*idem*).

Com, ou — por — um phosphoro ; isto é que eu não entendi bem.

ANASTACIO.

Espera-me na esquina.

O MOÇO.

Sim, Sr. (*sáhando*) Que barulho ! que barulho ! (*Desapparece*).

ANASTACIO (*lendo*).

« Sant'Anna e Santa Rita brigaram ! As urnas foram in-

cendiadas pelos phosphoros ! Santo Antonio está em paz ; mas reccia-se que a ordem seja alterada, porque o povo, armado de achas de lenha, já não cabe na rua de Matacavallos; e dizem que vão buscar mais um reforço á rua de Mataporcos, para irem acampar-se em frente do matadouro ! » (*Ao bastidor*) Toma, rapaz ! Primeiro dá ao « Correo da Tarde, » para sahir hoje esta noticia. (*Voltando*) Isto não póde ser como o rapaz me contou !... E' impossivel que não tenha havido muita morte !... Vamos verificar (*sahe*).

SCENA XI.

JOAQUINA, RITA e JOSE'.

JOSE'.

Visto a tia Joaquina ter vontade de ver como se faz uma eleição, faça o que eu lhe disser, que póde ver tudo a seu gosto.

JOAQUINA.

Então que é ?

JOSÉ.

Vá para casa, vista-se com a roupa do tio Raymundo, e venha que eu arranjo o resto.

JOAQUINA.

Oh rapaz !... estás doudo ?!

RITA.

Havia de ser interessante ver a tia Joaquina vestida com a roupa do tio Raymundo.

JOSE'.

Ninguem a conhece.

JOAQUINA.

Oh rapaz, tu és os meus peccados !... Eu tenho muita vontade de vêr como se fazem as eleições .. mas ser preciso passar por homem !..

JOSÉ.

Quantas não teem feito isso ?

JOAQUINA.

Deveras ?!

JOSE'.

Minha tia não se lembra da Henriqueta de Orleans ?

JOAQUINA.

Lembro... Estou quasi tentada... Que dizes, Ritinha ?

RITA.

Se fosse eu já aqui estava vestida com a roupa do tio Raymundo.

JOAQUINA.

Pois valeu !... Vou me vestir de homem.

RITA.

Oh primo... eu não podia tambem...

JOSE'.

E' impossivel ! E's muito criança, e a tia Joaquina já...

JOAQUINA.

Queres dizer que já sou velha ?! Pois olha: mesmo assim, com os meus cincoenta, ainda não me troco por muitas moças que eu conheço !... Ha por ahi cada lesma de desoito e vinte annos !... Vamos, Ritinha.

RITA.

Decididamente não posso vir tambem votar ?

JOSE'.

E' impossivel, Ritinha.

JOAQUINA.

Até já. (*Vai-se*).

RITA.

Já que não posso votar, espreitarei do mirante os votantes que passarem. (*Vai-se*).

JOSÉ.

Veja não se agrade de algum, eim? (*Sobe, e confunde-se com os grupos*).

SCENA XII.

DR. MENDONÇA, DR. BENICIO, MANOEL, JOSE', ANTONIO e CHICO PINTO (*todos em distancias convenientes para executarem com presteza a scena que se segue*).

MANOEL (*ao Dr. Benicio*).

Uma palavra, Dr...

DR. BENICIO

Ha alguma novidade? (*Vão para um lado da scena*).

MANOEL.

Preciso mais um masso de listas, porque as outras já lá fôram.

JOSE' (*do outro lado, ao Dr. Mendonça, em quanto o Dr. Benicio tira as listas do bolso*).

Dr., quero mais cincoenta listas. . .

DR. MENDONÇA.

O negocio vai correndo. (*Fallam em voz baixa*).

DR. BENICIO (*entregando as listas a Manoel*).

Temos aqui sortimento para servir os amigos.

DR. MENDONÇA.

Eil-as. (*Entrega as listas a José*).

CHICO PINTO (*que viu Manoel metter as listas no bolso*).

Vamos dar o assalto! (*Tira as listas do bolso a Manoel, e sobe a conversar com os grupos*).

ANTONIO.

E' occasião de mostrar que tenho habilidade para algu-

ma cousa. (*Tira as listas do bolso a Jose, e vai conversar para o fundo*).

MANOEL.

Determina alguma cousa, Dr. ?

DR. BENICIO.

Não te esqueças de ir fallar com o mestre marceneiro, para mandar hoje os officiaes.

MANOEL.

Vou já lá n'uma carreira. (*Sae. Antonio vem se aproximando*).

DR. MENDONÇA.

Já fallaste com os dous sirgueiros, nossos amigos, para virem hoje sem falta com os officiaes ?

JOSE'.

Ainda não ha meia hora que estive com elles.

DR. MENDONÇA.

Muito bem ; és um cabalista de primeira ordem.

JOSE'.

Tenho bons mestres. . . Vou vêr a nossa gente. (*Sobe. Chico Pinto aproxima-se lentamente para o Dr. Mendonça*).

ANTONIO (*ao Dr. Benicio*).

Dr., tenho a honra de lhe apresentar um masso de listas dos nossos contrarios. (*Da-lhe as listas que tirou do bolso de José*).

DR. BENICIO.

Ah ! . . . Estavas preparado para trabalhares contra mim ? !

ANTONIO.

Engana-se, Dr. : tirei-as do bolso a um capanga do Dr. Mendonça.

DR. BENICIO.

Bello ! bello ! Estas não hão de servir mais (*Rasga-as*). Vamos tomar um refresco.

ANTONIO.

Oh ! isso agora vem do céu ! . . . Estou tão esquentado, Dr. ! . . . (*Entram na casa á esquerda acompanhados de alguns amigos*).

CHICO (*que chegou ao pé do Dr. Mendonça, quando o Dr. Benicio sahio*).

Um masso de listas que tirei do bolso a um capanga do Dr. Benicio. . .

DR. MENDONÇA (*recebendo as listas*).

Que boa caçada ! . . . Estas vão para o porão (*Rasga-as*). Vamos tomar uma garrafa de cerveja.

CHICO PINTO.

Approvo a conclusão (*Entram na casa á direita, com mais alguns amigos*).

SCENA XIII.

POETA (*entrando apressado*).

POETA.

Já dizem por ahi, oh ! malfadada !
Que em estado de sitio declarada
Vai ser esta cidade em dous instantes,
Por causa de uma sucia de tratantes
Que deram sem pensar uns sopapitos
N'uns moços que passaram dando gritos. . .
Porém gritos alegres, de chalaça,
Ao que uns chamam vinho, outros cachaça ;
Mas eu, que não entendo esta charada,
Direi que a tal borrasca é cervejada.

Eu queria embarcar p'ra ilha Rasa ;
Mas temendo algum—pum !—metti-me em casa.
Agora venho aqui só p'ra saber
Qual a lei em que tenho de viver ! . . .
Nada, nada; eu não quero andar ás tortas,
Batendo co' a cabeça pelas portas ! . . .
Ah ! se todos fizessem como eu faço,
Teriam boas pernas, bom cachaço,
Bom peito, p'ra poderem resistir
Ao amor, quando quer-se introduzir
N'esta caixa forrada de costellas,
Que é a fonte de todas as masellas.

(*Susurro ao fundo*).

Vamos vêr se ha sopapo e cachações
Por causa de algum phosphoro de eleições !

(*Sobe. Varias pessoas querem lhe dar listas, mas
elle recusa-as, e volta todo zangado*).

Oh ! que gente, meu Deus ! que massadores !
E tambem n'esta alhada entram doutores,
Que não tendo doentes a tratar
Vêm p'ra porta da igreja cabalar !
« Nada, nada. . . isto vai máu ! . . . muito máu ! »
E' preciso que ronque socco e páu,
Quando não esses pobres ficam só,
Sem poderem bispar do pão de ló
Um naco com que possam confortar
Os votinhos que ás urnas vão levar ! . . .

(*Aos musicos*).

Que dizem, meus ratões ? Não é bem feito
Que eu falle quanto sinto aqui no peito,
Para vêr se esta nossa terra amada
Se livra dessa grande trapalhada
Em que querem mettel-a, sitiando
Os pobres habitantes que, cantando,

Não cuidam que lhes querem supitar
Os direitos que têm de passeiar
Pelas ruas calçadas e *descalças*,
Com lagedo e também não lagedas ;
Mas que servem ao povo de recreio
Em quanto não se arranja um bom passeio ?

(*Pausa*).

Vou-me embora por que vivo assustado
Quando vejo nas praças agrupado
Este povo que vende e compra listas,
Que desconta e rebate, quaes cambistas,
Deixando muitas vezes os filhinhos
Em casa dando berros e pulinhos,
Capazes de fazerem a mãe santa,
— E tudo quanto a musa antiga canta.—

(*Pequena pausa*).

Isto é verso roubado de Camões
Que nunca se importou com eleições.

(*Vai para sahir e volta*).

Se approvais o que acabo de dizer-vos,
Voltarei para então agradecer-vos. (*Vai-se*).

SCENA XIV.

JOSE', depois MANOEL, e mais tarde JOAQUINA
e RAYMUNDO.

JOSE'.

Vou vêr se passo estas listas, antes que principie a chamada do meu quartirão... Oh ! diabo !... Estou roubado ! (*procurando em todos os bolsos*) Qual !... Nem uma para mesinha !... Máo é o cabalista, que não respeita os bolsos dos seus contrarios !... Vou dar parte ao Dr., da ladroeira

que me fizeram. { *Vai para o fundo e procura por todos os lados o Dr. Mendonça* }.

MANOEL (*entrando*).

La passar as listas que pedi ao Dr. Benicio e achei-me sem ellas !... Os taes Srs. conservadores nem deixam *conservar* em paz as listas nas algibeiras da opposição !... Emfim, o remedio é ir pedir novo reforço ao Dr... Ah que se eu sobesse quem foi o espertalhão !... (*Entra na casa á esquerda*).

JOAQUINA (*entrando com grande bengala e fumando*).

Quem ha de dizer que dentrodestas calças, e desta casa está uma mulher ?... Só quem me conhecer muito de perto !...

JOSE' (*dirigindo-se para a casa da direita*).

Aonde estará mettido o Dr. Mendonça ? (*vai para entrar*).

JOAQUINA (*chamando-o*).

Chut ! Chut ! Chut !... (*José pergunta a Joaquina por um signal se é a elle que chama, Joaquina faz-lhe signal com a cabeça que sim, e diz:*) Ainda não desconfiou.

JOSE'.

V. S. pretende alguma cousa de minha pessoa ?

JOAQUINA.

Oh rapaz !... Pois não me conheces ? !

JOSE' (*muito admirado*).

A tia Joaquina ? ! Pois é a tia Joaquina ? !

JOAQUINA.

Se duvidas vou te já desenganar...

JOSE'.

Os diabos me carreguem se houver alguém que seja capaz de a conhecer !..,

JOAQUINA.

Achas que posso votar sem receio de ser conhecida ?

JOSE'.

Aposto que nem o tio Raymundo a conhece ?

JOAQUINA.

Aonde está elle ?

JOSE'.

Anda por ahi cavaqueando com a rapaziada... Olhe... lá está elle...

JOAQUINA.

Vejamos se me conhece (*chamando*). Psio ! Psio ! Psio ! (*Raymundo aproxima-se*) Agora vai largar a tyranna contra mim !...

RAYMUNDO (*a Joaquina*).

V. S. chamou-me ?

JOAQUINA (*com emphase*).

Chamei !

RAYMUNDO (*aparte*).

E' para me dar alguma lista. (*A José*) Quem é este Sr. ?

JOSE'.

Não conhece ?

RAYMUNDO (*á parte*)

Eu já vi esta cara; mas não me lembro em que corpo. (*Alto*) O nome de V. S. ?... Queira desculpar se...

JOAQUINA (*dando-lhe uma fumaça nos olhos*).

Não me conheces, homem ? !

RAYMUNDO (*tossindo e esgasgando-se*).

O Sr. ... o Sr. ... Ora esta !... Pois o Sr. ... o Sr. ...
Ora esta !...

JOAQUINA.

Sou eu, homem !... Sou a mana Joaquina !...

RAYMUNDO.

Oh mulher do diabo !... Ora esta !... Tu não tens vergonha ?!

JOAQUINA.

Vergonha ?! De que ?

RAYMUNDO.

De vestir roupa de homem, fumar charuto e vir a uma praça publica com um bengalão desses ?! (*Ben-zendo-se*) Ora esta !...

JOSE'.

Não se zangue, tio Raymundo.

JOAQUINA.

Deixa-o comigo. Diga-me, Sr. Raymundo : Vm. não se vestiu já uma vez de mulher ?... e por tal signal que parecia uma empada feita de encommenda ?...

RAYMUNDO.

Mas isso foi n'um dia do Carnaval...

JOAQUINA.

Pois faça de conta que um dia de eleições equivale a um dia de Carnaval.

RAYMUNDO.

Que comparação tão triste !

JOAQUINA.

Ora, adeos !... Não se ponha com partes, porque eu nunca gostei de partes...

JOSE'.

Meu tio ha de desculpar por esta vez.

RAYMUNDO.

Ora, dize-me cá, rapaz : Se esta cabecinha de vento, que já tem idade para ter juizo, fôr conhecida, não se arrisca a levar meia duzia de pauladas ?

JOAQUINA.

E esta bengala não serve de nada ?

RAYMUNDO.

Valha-te Deus, mulher, valha-te Deus ! Tu não sabes que uma bengala na mão de uma mulher mette menos medo do que um palito no bico de uma gallinha ?

JOAQUINA (*manejando a bengala*).

Venham para cá !... O primeiro que se aproximar... terra !... O segundo... barro !... E o terceiro...

RAYMUNDO.

Terra e barro !

JOAQUINA.

O terceiro, se vier...

RAYMUNDO.

Tira-te a bengala e arruma-te com ella nas costas !...

JOAQUINA.

E isto não vale nada (*Mostra um punhal que tira do bolso*).

RAYMUNDO.

Oh mulher !... Pois tu tens ferro ? ! Não tens receio de trazer uma arma dessas contigo ? !

JOAQUINA.

Adeus !... Séca sem proveito faz dôr de peito !... Vamos, José... vamos para a igreja ...

JOSE'.

Aqui está a lista. (*Dá-lhe uma lista*).

JOAQUINA.

Olha que eu quero votar na opposição...

RAYMUNDO.

Ahi temos outra...

JOSE'.

Minha tia não falle muito para não ser conhecida.

RAYMUNDO.

Mulher, fallar pouco!... Estás arrumado!

JOAQUINA.

Eu sei fallar quando devo estar calada, e sei estar calada quando devo fallar...

RAYMUNDO.

Agora é que tu disseste a verdade!

JOAQUINA.

Eu cá sempre fui assim... Você bem sabe que no tempo do meu defunto marido...

RAYMUNDO.

Adeus, adeus!... Ahi está ella já com o defunto marido ás voltas!...

JOAQUINA.

Malditos charutos!... (*Joga com o charuto para um lado*). Estão todos furados!...

RAYMUNDO (*aparte*).

Por isso a fumaça me entrou pela bocca e sahiu pelos olhos.

JOSE'.

Vamos para a igreja, que são horas...

JOAQUINA.

Prompta !

JOSE'.

Prompta, não. Lembre-se que agora é homem.

JOAQUINA.

Ah ! é verdade... Vamos, vamos com Deos (*Vai-se com José*).

RAYMUNDO.

Com Deus na bocca e o diabo nas tripas ! Esta minha irmã sempre teve queda para revolucionaria ! ... O marido tambem era o mesmo ; mas no tempo da guerra do Rio Grande, quiz ir brigar com os farrapos e lá ficou completamente esfarrapado ! E' o que hade acontecer a minha irmã, se ella continuar a metter o nariz aonde não é chamada ! Que têm as mulheres com as eleições ? E' boa ! Estava resolvido a fazer a minha lista ; mas á vista da sem-ceremonia da Sra. D. Joaquina... d'aquella cabeça de vento com lingua desenferrujada, não voto em ninguem, decididamente !... Armada de punhal !... Ora esta ! (*Dirige-se para os grupos, e de vez em quando vai espreitar á porta da igreja*).

SCENA XV.

DR. BENICIO, MANOEL, ANTONIO, VOTANTES
e POVO (*sahindo de casa*).

DR. BENICIO (*fallando aos que o cercam*).

Srs., em uma eleição popular é que se conhece a civilisação e a moralidade dos cidadãos que vão á urna para egerem os representantes da nação ! Não é a força dos braços, nem os rodeios da intriga que devem elevar os homens ao poder : é a força intelectual, a sã philosophia, e o verdadeiro patriotismo !

ANTONIO.

Apoiado !

DR. BENICIO.

Eu desejo ardentemente que todos os Srs. que me ouvem, votem segundo os meus principios politicos ; mas quero votos livres, conscienciosos, e não subordinados com promessas mesquinhas que aviltam o homem de bem !

VOZES.

Os nossos votos são livres !...

DR. BENICIO.

E livres somos nós todos ; tão livres que podemos, sem receio, emittir os nossos pensamentos no meio de uma praça publica, e no centro das autoridades ! Taes são as sábias leis que nos regem ; tal é a liberdade que de dia para dia floresce na terra de Santa Cruz !

MANOEL.

Apoiado !

DR. BENICIO.

Dous partidos se acham em campo, Srs. : um será vencedor, outro vencido !... Vencedores ou vencidos, nós só devemos lembrar-nos de que somos Brasileiros ... que somos irmãos !

VOZES.

Apoiado !

ANTONIO.

Apoiadissimo !

MANOEL.

A' urna, e viva a patria.

DR. BENICIO.

Prudencia, ordem e união, deve ser a nossa divisa.
(*Entram todos na igreja*).

SCENA XVI.

DR. MENDONÇA, CHICO PINTO, VOTANTES
e POVO (*sahindo de casa*).

DR. MENDONÇA.

E' chegado o momento, Srs., de levarmos os nossos votos á urna!... Nada de fraude, nada de prevaricações!... Os nossos concidadãos têm dado lições de moderação á Europa civilisada, e não será agora que elles desmereçam do bom conceito em que são tidos para com os povos cultos que nos admiram! Eia, pois, Srs. ! votai livremente, sem constrangimento, porque só assim podereis concorrer para a felicidade do nosso paiz, e assentar nas cadeiras da representação nacional os homens que as merecerem pelo seu saber, pela sua illustração e pela moralidade dos seus actos.

UMA VOZ.

Viva a patria, e toque a musica.

DR. MENDONÇA:

Vivam os Brasileiros e todos os estrangeiros que são amigos da nossa patria, e que concorrem para o seu engrandecimento.

CHICO.

Apoiadissimo !

(*Entram todos na igreja. Os votantes e povo, que têm constantemente cruzado a praça, tambem entram para a igreja. Um zum-zum, ora baixo, ora alto, ouve-se até á ultima scena*).

SCENA XVII.

RAYMUNDO (*ao fundo, vendo entrar o povo e votantes para a igreja*).

RAYMUNDO.

Vão... vão ajudar a subir os pais da patria, que a mim

não me apanham lá. (*A scena*) Essa é boa! Aonde ha mulheres não se precisa de homens!... Façam, Srs. representantes da nação... façam uma lei para que as mulheres possam tomar assento nas camaras, que eu vos juro que em menos de quinze dias acaba-se o mundo!

VOZES (*na igreja*).

E' phosphoro!... E' phosphoro!...

OUTRAS VOZES.

Não é!... Não é phosphoro!...

RAYMUNDO.

Aposto que aquelle barulho é por causa de minha irmã!... Haviam-lhe dar lá uma entaladella que lhe ficasse de escarmento para todos os dias da sua vida!

UMA VOZ.

Fóra!..., Fóra, que é phosphoro!...

OUTRA VOZ.

Não é!... Não é phosphoro!...

RAYMUNDO (*á porta da igreja*).

Os sócos e as pauladas distribuem--se reciprocamente com toda a profusão! (*A' scena*) Animo, Raymundo, que a victoria é tua!... Sim, é minha... essa é boa!... E' minha, porque não dou nem tomo! (*O susurro continúa cada vez mais forte, sobresahindo a tudo as palavras: — E' PHOSPHORO! — NÃO E' PHOSPORO!*) Os gritos augmentam, e por consequencia a pancadaria tambem deve redobrar!... Lá se avenham... essa é boa! (*O povo sai da igreja em confusão*). Aquelles já não querem mais tabaco de esturro!...

SCENA XVIII.

RAYMUNDO, JOAQUINA, JOSÉ, MANOEL, e depois DR. BENICIO, DR. MENDONÇA e o resto do povo que estiver na igreja. O povo forma diversos grupos e conversa com muita animação. ANASTACIO entra, esbaforido, olha para todos os lados, e escreve com muita pressa até o final da comedia. O POETA recita em voz baixa, e faz diferentes acionados.

JOAQUINA (com a roupa toda rasgada e o chapéu amarrado, articulando com Manoel que está encostado á porta da igreja).

E' assim que se respeita o voto de uma... de um cidadão?!

RAYMUNDO.

Então!.. Meu dito, meu feito! Lá está ella com a roupa toda esfarrapada!

JOAQUINA.

Desaforo!

MANOEL.

E' phosphoro! E' phosphoro!

JOAQUINA.

E' o diabo que o carregue! (*Dá-lhe algumas bengaladas*).

MANOEL (*que desapareceu por um momento para se livrar das bengaladas*).

E' phosphoro! E' mulher! (*Desce ao proscenio, Joaquina segue-o*).

RAYMUNDO.

Arrumem-se lá como poderem, que eu não me metto

com essas cousas! (*Vai conversar com os grupos, sem prestar atenção á scena que se passa entre Joaquina e Manoel. José faz o mesmo*).

JOAQUINA (*a Manoel*).

Mulher!... mulher!... Como é que o Sr. sabe que eu sou mulher?... Tem alguma certeza disso?...

MANOEL.

E' phosphoro!...

JOAQUINA.

Sou phosphoro! . . Então mulher é phosphoro, ou phosphora?... Quem foi o seu mestre de grammatica?

MANOEL.

E' phosphoro!... E' mulher, tenho dito!

JOAQUINA (*sempre ameaçadora*).

Se não me agarram, deito-me a perder com este homem!... Sou mulher!... (*Manoel recúa*) Quem lhe disse que eu sou mulher? (*Manoel recúa*) Já me viu por ventura algum signal, pelo qual possa conhecer o seculo a que pertenco?...

MANOEL (*parando*).

Não tem barba!

JOAQUINA.

Não tenho barba?! (*Pegando no queixo*) Que é isto?...

MANOEL.

Isso é queixo!...

JOAQUINA.

De queixo quer você entrar comigo, mas para cá vem esbarrado! (*Chamando*) Oh José!... José!...

MANOEL (*aparte*).

E não me estão doendo as costas!...

JOAQUINA (*com mais força*).

José!!...

JOSE'.

Que é, tia Joaquina?

JOAQUINA.

Vamo-nos embora; para divertimento já basta.

JOSE'.

Já agora vamos a vêr o que a mesa decidiu ...

DR. BENICIO (*sahindo da igreja*).

O presidente julgou conveniente suspender os trabalhos.

DR. MENDONÇA (*idem*).

Amanhã continuarão na fôrma da lei.

JOAQUINA.

Não serei eu que volte cá mais ... Vamos, José (*Vão para sahir*).

MANOEL.

Lá vai um phosphoro vestido de homem!...

JOAQUINA (*voltando-se e ameaçando Manoel com a bengala*).

Já se esqueceu, cim? (*Vai-se com José*).

RAYMUNDO.

E acabou-se a festança com a explosão de — UM PHOSPHORO!

*O Poeta, faz uma mesura ao publico, e retira-se.
Cae o panno.*

FIM.

DESPACHO

DO EXM. SNR.

PRESIDENTE DO CONSERVATORIO DRAMATICO.

Concordando com o parecer da censura, póde representar-se.

Fevereiro—1861.

F. Martins.

Em virtude das leis, que garantem a propriedade litteraria, não póde representar-se esta comedia sem prévia licença do autor.

16074

ERRATA.

PAG.	LINHAS.	ERROS.	EMENDAS.
4	18	Mendonça	Mendonça.
11	13	Que matam, se é preciso, a poesia...	Que matam, se é preciso, a poesia, Que chamam ao dia noite e á noite dia,
31	8	sobesse	soubesse

